

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE ABRIL DE 1908

N.º 221

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIO — Victor & Lorjô.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

## A chegada a Lisboa do dr. Itibiré da Cunha e sua família



**Dr. Brásio Itibiré da Cunha**

O novo ministro do Brasil em Lisboa

O diplomata que está hoje á frente da legação do Brasil na côrte de Lisboa, não é só pela alta situação official que representa o seu paiz. Honra-o sobremaneira pelos seus talentos reconhecidos e pelas suas primorosas qualidades pessoais. Dos ministros escriptores, sociologos, artistas, que collocam no mais alto plano a diplomacia brasileira, é o sr. dr. Itibiré da Cunha o segundo que vem representar o seu paiz em Portugal. O primeiro foi o dr. Assis Brasil.

Escriptor de cunho, economista proficiente, homem de letras em toda a acceção d'esta palavra, auctor de livros valiosos que todo o Brasil conhece e relê, virtuoso do piano, de ha muito consagrado, compositor musical, laureado e querido, é o novo representante do Brasil uma personalidade em destaque, que dentro em pouco conquistará a sympathia, a estima e o respeito de toda a sociedade portugueza.

# VIDA ELEGANTE

## EM EVIDENCIA

Raras vezes a formosura apparece tão bella na dupla feição de candura e de bondade. A sr.<sup>a</sup> condessa de Vill'Alva, hoje ligada pelo casamento á casa da sr.<sup>a</sup> D. Maria do Patrocínio Barros Lima e do sr. Carlos Eugenio d'Almeida, filha de um official distincto do exercito português, o sr. Araujo de Sousa, e sobrinha do



A sr.<sup>a</sup> Condessa de Vill'Alva

(Cliché de Vidal & Fonseca).

sr. conselheiro Mattoso Santos, é a mais gentil, a mais fina flôr da cidade d'Elvas.

Essa formosura e essa distincção marcam-lhe um logar em evidencia na primeira sociedade de Lisboa, como os dotes do coração e as prendas do espirito lhe tinham já conquistado a sympathia e a estima de quantos conheciam e apreciavam esse modelo de primorosas qualidades femininas.

E ahí teem porque o *Brasil-Portugal* se envaidece ao publicar hoje n'esta pagina o retrato de uma das senhoras que pela virtude e pela belleza mais enaltecem o seu sexo.

Gill.

## EM FÓCO

Antigo cavalleiro-amador, um dos mais garbosos e destemidos entre quantos, nas mais afamadas praças de Portugal, de Hespanha e de França, se defrontaram com touros bravos, arrancando applausos a publicos entusiasmados, Luiz do Rego, que foi uma das mais brillantes glorias da tauromachia, tudo isso trocou pela singela e bonançosa vida de lavrador. E, comtudo, não houve mocidade que mais consagrasse os seus impetos, as suas forças, as suas audacias, a uma arte que tem seduzido tantos, tantos!

Duarte Pinto Coelho e Antonio Perestrello no toureio a pé, Alfredo Tinoco e Luiz do Rego no toureio a cavallo, foram os amadores tauromachicos que mais brilharam na arena e mais sympathias conquistaram. Elles eram os modelos, os *enfants-gâtés* de todos os aficionados!

E Luiz do Rego que sete vezes lidou touros desembolados em Madrid, uma vez em Sevilha, que na praça Pergholese de Paris entrou em trinta corridas, que toureou em todos os redondeis de Portugal, que deu o seu nome á praça de Portalegre, que teve touros seus, muitos dos quaes forneceram a praças portuguezas e hespanho-



Luiz do Rego da Fonseca Magalhães

(Cliché de J. Carlos Silva — amador).

las, Luiz do Rego, elegante, rico, pertencente a uma familia illustre, desempenado e gentil, logo que apparecia, montado no seu famoso cavallo Leotard, conhecendo equitação como poucos, na posse de todos os segredos da arte de tourear, era o alvo de todos os olhares quando apparecia impavido na arena, o foco para que convergiam todos os binoculos, e logo ás primeiras sortes arrojadas, a figura em destaque que mais palmas e bravos arrancava aos camarotes, á sombra, ao sol, a toda a praça.

Como a leitura d'estas palavras deve hoje recordar-lhe — quem sabe se com saudade — esses tempos que não voltam!

Gilliatt.



A sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza de Castilho Correia Pereira e seu interessante filhinho

# Exequias no Rio de Janeiro

Por alma d'El-Rei o Senhor D. Carlos e do Principe Real Senhor D. Luiz Filipe



Monsenhor Luiz Raymundo da Silva Brito  
Bispo de Olinda



Sua Eminencia o Cardeal  
D. Joaquim Arcoverde  
(Photographia Bastos Dias — Rio de Janeiro).

Nos grandes quotidianos do Rio de Janeiro apparecia no dia 27 de fevereiro este convite:

## GRANDE COMISSÃO DA COLONIA PORTUGUESA

### CONVITE PARA AS EXEQUIAS

EM MEMORIA DE

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos I de Portugal

E DO

Serenissimo Principe Real D. Luiz Filipe, Duque de Bragança

A Grande Commissão da Colonia Portuguesa, com assentimento do Governo Português, faz celebrar no dia 28 do corrente, ás 11 1/2 horas, na Cathedral Metropolitana do Rio de Janeiro, sollemnes exequias officiaes, acompanhadas de grande instrumental, em suffragio das almas e gloriosa memoria de Sua Magestade o inclito e saudoso Rei D. Carlos I de Portugal, e do Serenissimo Principe Real Duque de Bragança, pontificando o Eminentissimo Senhor Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, e fazendo a oração funebre o Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Luiz, Bispo de Olinda.

A Directoria da Commissão, na impossibilidade de convidar para um só templo, a numerosa Familia Portuguesa no Rio de Janeiro, e todos aquelles que desejem acompanhá-la n'esta ultima demonstração de respeito á memoria dos inditosos Extinctos, tão barbara e cobardemente roubados á Nação Portuguesa, deliberou fazer celebrar tambem no mesmo dia ás 11 horas, na Igreja da Candelaria, sollemnes exequias na mesma piedosa intenção, assim como serão celebradas missas no altar-mór de todas as egrejas matrizes do Rio de Janeiro, no mesmo dia 28 do corrente, ás 9 horas.

Na Cathedral Metropolitana, na Igreja da Candelaria, e em cada uma das matrizes d'esta Capital, estará uma sub-commissão encarregada de receber as assignaturas de todas as pessoas que comparecerem, em listas especiaes, que opportunamente serão enviadas a Sua Magestade a Rainha viuva D. Amelia de Portugal.

Não sendo possivel fazer convites pessoaes, a Directoria tem a honra de convidar por este meio todas as Associações e Ordens Religiosas, a fazerem-se representar em uma das cerimoniaes religiosas, inscrevendo os seus nomes e designação nas respectivas listas; assim como especialmente convida a todos os Portuguezes e suas familias, que queiram testemunhar com a sua presença esta ultima homenagem em memoria dos inclitos assassinados, a cumprirem o piedoso dever de assistir a uma das missas mandadas ce-

lebrar pela Commissão, na Matriz da Freguezia em que residirem, pedindo que compareçam com suas esposas e filhos, com qualquer vestuario, pois os testemunhos do luto popular não se manifestam senão pelo sentimento.

A Commissão pede tambem ás dignas Directorias das associações portuguezas, para mandarem collocar os seus estandartes em funeral no dia das exequias; assim como pede ao patriotico commercio portuguez do Rio de Janeiro, como ultimo testemunho de veneração á memoria do nosso saudoso Monarcha e do inditoso Principe Real, para no dia 28 do corrente cerrarem meias portas dos seus estabelecimentos e moradias, em signal de luto e dôr, manifestando por esta fórma a cohesão da colonia portugueza do Rio de Janeiro nas desgraças que enlutam a nossa querida patria.

Rio de Janeiro, 26 de Fevereiro de 1908.

Conde de Avellar, Presidente.  
Visconde de Moraes, Vice-Presidente.  
Visconde de Veiga Cabral, Vice-Presidente.  
Visconde de S. João da Madeira, Vice-Presidente.  
Ernesto Cybrão, Vice-Presidente.  
Manoel Antonio da Costa Pereira, Thesoureiro.  
Antonio Valentim do Nascimento, Thesoureiro.  
José Vasco Ramalho Ortigão, Secretario.  
José Antonio da Silva, Secretario.  
Antonio Augusto de Almeida Carvalhaes, Secretario.  
Adriano de Castro Guidão, Secretario.

### DISCRIMINAÇÃO DOS SERVIÇOS FUNEBRES

Cathedral Metropolitana:

Exequias sollemnes ás 11 1/2 horas da manhã.

Igreja da Candelaria:

Exequias sollemnes ás 11 horas da manhã.

Matrizes:

Igreja de Santa Rita ...  
» do Santissimo Sacramento ...  
» de Santo Christo dos Milagres ...  
» de Sant'Anna ...  
» do Espirito Santo ...  
» de S. Christovão ...  
» do Engenho Velho ...  
» do Engenho Novo ...  
» de Nossa Senhora de Lourdes (Villa Isabel) ...  
» de S. José ...  
» de Santo Antonio do Pobres ...  
» de Nossa Senhora da Gloria ...  
» de S. João Baptista da Lagôa ...  
» de Nossa Senhora da Gavea ...

Missas ás 9 horas

Basta a leitura d'este documento para se calcular a grandeza e importancia da cerimonia, cuja iniciativa pertence á honrada e benemerita Grande Commissão da Colonia Portugueza no Rio de Janeiro.

A pompa e a magestade d'essas exequias, o lutuoso sentimento que d'ellas resaltava, a patriotica e alta significação d'essa solemnidade religiosa, só pôdem, porém, comprehender os que como nós acabam de lêr nos jornaes do Rio de Janeiro a descripção minuciosa

Dentro do lanternim, sobre um pedestal, em que se via collocada uma almofada, repousava a corôa real.

Sobre a cúpula, duas urnas riquissimas, representando os esquifes de Suas Magestades El-rei e o Principe Real, assentavam-se em uma eça de tres andares, sobre um segundo estrado.

Todo o catafalco ficava sob uma enorme aranha de fitas negras que do tecto vinham até ao chão.

No primeiro estrado viam-se doze grandes tocheiros de prata e o catafalco era illuminado por 250 velas, em castiças de prata.

O templo todo estava ornamentado, sob o mesmo rigor do catafalco, obedecendo á mesma sumptuosidade funebre, destacando-se

### Alguns dos membros da commissão da colonia portugueza que promoveu as exequias



Conde de Avellar  
Presidente

d'essas exequias solennes, de que farão uma pallida ideia os que atravez das gravuras que hoje publicamos, quizerem antever a grandiosidade que o acto revestiu.

Nada mais sumptuoso que o aspecto da Cathedral, com o seu imponente catafalco que se erguia ao centro da Egreja occupando quasi toda a nave e medindo 25 metros de altura, de fórma a realisar o mais fino gosto artistico e esthetico, calcado sobre o estylo Corinthico.

Para o longo estrado do catafalco d'onde emergiam dezasseis columnas, dava accesso uma elegante escadaria de dez degraus.

As columnas, divididas em grupo de quatro, ligadas uma a uma, por lindos festões de flôres naturaes, sustentavam uma grande cúpula cujo tecto era forrado de negro e salpicado de lagrimas de prata.

Um anjo, que tinha sob seus pés artisticos ornatos, sustentava no alto de cada grupo de quatro columnas festões de bellas flôres.

Sobre a cúpula estava um lanternim composto de quatro columnas menores e uma pequena cúpula final encimada por uma cruz.

o altar-mór que estava coberto por um grande velario negro, salpicado de lagrimas de prata.

Das cortinas e dos altares lateraes pendiam grandes sanefas de velludo negro, com galões de ouro e franjas de prata.

A's tribunas, aos pilares e ás arcadas do templo estavam atados, artisticamente, grandes laços de crepe.

No alto do catafalco e nas suas duas faces principaes destacavam-se, envoltas em crepes, as armas portuguezas.

O grande arco cruzeiro estava artisticamente decorado com sumptuosos apanhados de velludo negro com franjas de prata e ouro.

No altar-mór todo revestido de pesado luto, tendo o throno velado por um riquissimo panno negro, via-se a imagem do Christo em tamanho quasi natural.

Officiou S. Eminencia o cardeal Arcoverde, a Schola Cantorum Sanctae Ceciliae executou a missa *Pro Defunctis*, do grande Perosi, e a orchestra composta de 14 professores a missa de *requiem*, terminada a qual subiu ao pulpito o bispo de Olinda, que de Pernam-

bucos foi, a convite da comissão, expressamente ao Rio, para pregar n'esta magestosa solemnidade.

Profundo silencio se fez em todo o templo quando assomou á tribuna sagrada a veneranda figura do prelado, que é uma das glorias do clero brasileiro.

fendiam, David, victima perseguida, esqueceu sua personalidade e encarou a causa santa da integridade de sua nação sobre a qual cahiam a prumo os males que lhe provocavam as lagrimas.»

Essa oração eloquente causou emoção profundissima em todo o vasto auditorio:



Visconde de Moraes  
Vice-presidente



Visconde de Veiga Cabral  
Vice-presidente

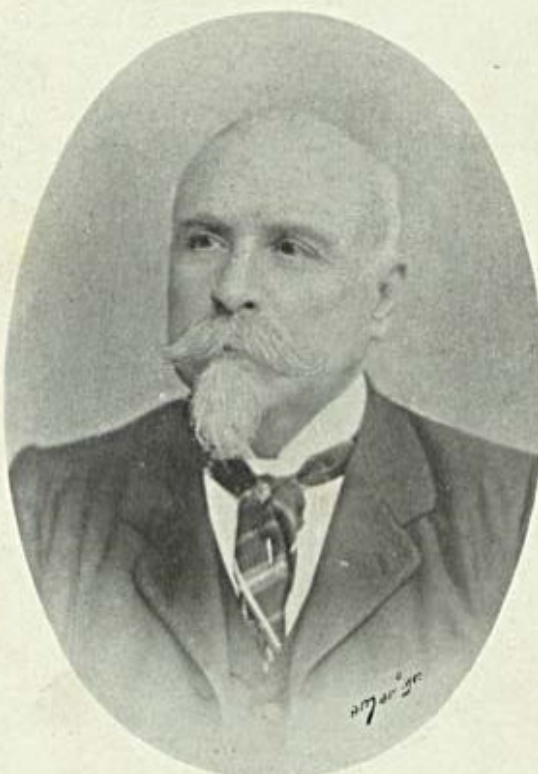
Foi assim que o bispo começou a sua oração:  
«Montes Gelboé, nec ros nec pluvia veniant super vos, ubi ceciderunt fortes Israel.» E depois: Eminencia, meus senhores. — Eis o grito generoso que um coração patriótico expandiu ao ver tombar por terra o Rei de Israel e ao seu lado o filho intemerato de peito nobre e corajoso!

Diante da calamidade da Patria, quebradas as espadas que a de-

O presidente da Republica que acompanhado da sua casa militar, se dirigiu á cathedral escoltado por um piquete de cavallaria, todos os ministros com os seus secretarios, e o da guerra, acompanhado do seu estado maior, os membros do corpo diplomatico e pessoal das legações, os altos funcionarios do Estado, officiaes de terra e mar, etc. etc., occupavam as tribunas que na egreja lhes haviam sido reservadas, e cá fora a multidão acotovellava-se, fazia enormes esforços



Visconde de S. João da Madeira  
Vice-presidente



Conselheiro Ernesto Cybrão  
Vice-presidente

para avançar um passo afim de poder ainda conquistar um lugar no templo em que milhares de pessoas, no mais piedoso recolhimento, seguiam todas as phases da cerimonia religiosa, a cuja sumptuosidade dentro da Igreja correspondia cá fóra a imponencia das honras funebres.

Com effeito mais de 4:000 homens, infantaria, cavallaria e arti-



Commendador José Vasco Ramalho Ortigão  
*Secretario*

lharia, estavam postados, em formatura, na Praça da Republica, no largo do Paço, na rua Primeiro de Março, na rua Visconde de Inhauma e na do Marechal Floriano. Era a guarnição da cidade, a mesma que dentro de poucos mezas havia de fazer a guarda de honra ao rei de Portugal, quando elle honrasse com a sua visita a capital florescente da Republica, e que pelas forças mysteriosas do destino,



Commendador Antonio Augusto de Almeida Carvalhaes  
*Secretario*

foi obrigada a pôr as armas em funeral para fazer as honras ao regio cadaver de D. Carlos I.

Todo o commercio da cidade cerrou as suas portas, hasteando muitas casas em funeral o pavilhão portuguez e o brasileiro, durante os officios funebres.

Estas exequias dão a medida do sentimento que se apoderou da população fluminense ao ter a noticia da pavorosa tragedia do Terreiro do Paço. Mas provam mais ainda, documentam ao vivo, em toda a sua magnitude, em toda a profundidade do seu patriotismo o coração portuguez.

São escassos e mesquinhos todos os elogios e agradecimentos com que cá, de longe, Portugal possa enaltecer o sentido patriotismo da colonia portugueza e o procedimento magnanimo d'essa grande commissão de que fazem parte nomes dos mais illustres da mesma colonia, e que de commissão dos festejos, que era, se transformou em commissão de exequias funebres.

Esses homens, esses onze honrados cidadãos, deram a mais alta prova de amor á monarchia portugueza e de profunda saudade pela patria, que, distante, acompanham com o coração em todos os seus lutos, em todas as suas lagrimas.

Tambem hoje se honra o Brasil Portugal em publicar os retratos



Commendador José Antonio da Silva  
*Secretario*

dos membros da commissão portugueza, lamentando que nos não chegassem a tempo os de tres d'entre elles, os srs. Adriano de Castro Guidão, Manoel Antonio da Costa Pereira e Antonio Valentim do Nascimento.

Para o esplendor das exequias contribuiu em tal escala o governo e o presidente da Republica, que Portugal mais uma vez tem ensejo de reconhecer que hade encontrar sempre ao seu lado, em todas as phases da adversidade, a generosa nação brasileira.

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XLI

O anniversario do Principe Real D. Luiz Filippe. Um dia de lagrimas no Paço Real. — A proposito de um convite. A conferencia internacional para protecção das obras litterarias e artisticas em Berlim. Pedese a nomeação de um delegado portuguez n'esse acto. Razão da nossa abstenção em actos analogos. Protegendo illegalmente traductores e abandonando os auctores. Roupa de francezes. Uma anedota de Pinheiro Chagas.

Passou no dia 21 o anniversario do Principe Real D. Luiz Filippe, cuja vida teve tão tragico termo na tristissima tarde de 1 de fevereiro. O inditoso irmão de El-Rei D. Manuel completaria 21 annos, se um crime que a todos compunge e não tem precedentes na historia portugueza não houvesse brutalmente aniquilado aquella ra-

diossima mocidade, aquelle gentilissimo espirito, idolo dos seus, venerado e estimadissimo por todos os que d'elle se acercavam. Pobre Principe! Tão novo, tão bom, tão generoso, tão innocente, elle, que pela simplicidade e pureza da sua vida inteiramente dedicada ao estudo e ao preparo para o duro officio de reinar, era alheio á politica, que tão longe estava das suas luctas e paixões, cae estúpida, barbaramente varado por uma bala, no momento de esboçar um gesto de defeza, querendo cobrir com o proprio corpo o corpo já inanimado de seu pae!

Muito se tem dito, talvez de mais, sobre esse tremendo crime, suas origens e causas. Não é a nós, contemporaneos, que cumpre julgar de tão melindroso assumpto. A historia, fria e implacavel, um dia julgará a todos, precisando responsabilidades e culpas. Seja, porém, qual for esse julgamento, nunca será esquecida, nunca será justificada, nunca será perdoada, a morte d'esse pobre principe puro de toda a macula, innocente de toda a culpa, nobre e cavalheiroso

Não sei se o convite será ou não accete. E' ainda cedo para o governo tomar qualquer decisão sobre o caso, tanto mais que mil e um assumptos de caracter urgentissimo exigem a sua desvellada attenção. Mas uma vez que a noticia foi acolhida pela imprensa e partes interessadas, na forma do pouco louvavel costume, isto é, com a maior indifferença, e visto que voz mais auctorizada se não faz ouvir em taes circumstancias, peço licença para dizer de minha justica.

Entendo que é imprescindivel a nossa representação n'essa conferencia, por pessoa idonea, afim de que não continuemos a fazer a pouco invejavel figura que até agora temos feito, brilhando pela ausencia em todas as circumstancias analogas, mormente quando foi do Congresso que precedeu a convenção de Berne, no qual até se fizeram representar Monaco, o Luxemburgo, a Tunisia e o Haiti, e mais tarde, em 1896, na conferencia de Paris, em que se redigiram um acto addicional e uma declaração interpretativa áquella conven-

## Exequias no Rio de Janeiro por alma de El-Rei o Senhor D. Carlos e do Principe Real Senhor D. Luiz Filipe



Aspecto da rua 1.ª de Março no dia das exequias

espirito, generosa e franca alma de creança, que o fanatismo ou o odio de um homem immolou barbaramente.

Eu não creio haja paixão politica que desvaire alguém até ao ponto de não vêr, bem claro, todo o horror d'esse duplo e espantoso crime. Por honra da propria especie, não acredito haja coração que ao recordar esse momento tragico em que foram brutalmente atirados para o tumulto pae e filho e para a maxima desventura corações de mães e irmãos, não sinta confranger-se de dôr e de pavor.

Assim, é convicção minha que n'essa data, até ha um anno celebrada no Paço Real com jubilo, todos os bons portuguezes acompanharam, doridos, na sua maxima dôr, as duas martyres que são as Rainhas de Portugal, tão cruel e descaradamente feridas nos seus mais acrisolados affectos, o jovem rei D. Manuel, tão sympathico pela sua desventura e pelos nobilissimos dotes da sua alma e esse outro principe, o valoroso D. Alfonso, cujo aspecto severo encobre um coração de ouro, posto agora á prova em tão desgraçado transe, e cuja dedicação por seu rei e sobrinho excede tudo quanto possa imaginar-se.

..

Leio nos jornaes a noticia de ter sido convidado o nosso governo a fazer-se representar na conferencia internacional para protecção das obras litterarias e artisticas que se reunirá em Berlim em 11 de outubro do anno corrente.

ção, cujos principios sobre propriedade litteraria e artistica assentaram na base de reciproco tratamento nacional.

Se a ausencia de delegados portuguezes a esses actos foi lamentavel, muito mais lamentavel é o motivo que a determinou. A nossa abstenção aos dois congressos justificou-se na consideração de não convirem aos interesses litterarios portuguezes o reconhecer-se aos auctores estrangeiros o exclusivo dos direitos de traducção das suas obras em termos e prazos que excedam os estatuidos na nossa convenção com a França, de 1866. Ora isto nem é razoavel nem é correcto, porque envolve o reconhecimento official de uma fraude para com os auctores estrangeiros. Mas quando assim não fosse, nunca se justificaria uma tal attitudde, que salvaguarda os interesses illegitimos dos traductores em detrimento dos sagrados direitos dos auctores nacionaes, completamente abandonados.

Eu bem vejo d'aqui — oh se vejo! — desfranzirem-se n'um sorriso de ironia as boccas de certas pessoas de juizo, que julgam bugarias de nenhum valor as propriedades litteraria e artistica. São talvez parentes ou adherentes d'aquelle cavalheiro altamente collocado que n'uma grande capital disse a uma dama portugueza que lastimava a morte de D. João da Camara: «Ah, sim... o conde da Ribeira tinha um irmão que escrevia coisas...» Eu bem sei — oh se sei! — o que certos pretores, que não descem a curar das coisas minimas, dizem n'este momento aos seus botões: «Salvaguardar os direitos de auctores que ninguém lê... no seu proprio paiz!»

Mas se esses deuses se dignassem descer á terra e mettessem os olympicos narizes onde não tem sido chamados veriam a forma escandalosa porque temos sido roubados aqui ao pé da porta, em Hespanha, e os inauditos abusos que tem praticado em terras de Santa Cruz alguns empresarios menos conscienciosos enriquecidos á custa do nosso trabalho litterario — cujos direitos pagam se querem, quando querem e como querem.

E não apertem commigo, porque eu vou ao fim do mundo desencantar o famoso sr. Juca de Carvalho e elle vem declarar ser verdade tudo quanto se contem n'este escripto — e desata a rir.

A proposito vem uma engraçadissima anedocta.

Pinheiro Chagas foi escandalosamente roubado em direitos de auctor fóra de Portugal. Se o grande escriptor recebesse o que lhe era devido apenas pelas representações da *Morgadinha de Valflor*, teria deixado uma pequena fortuna.

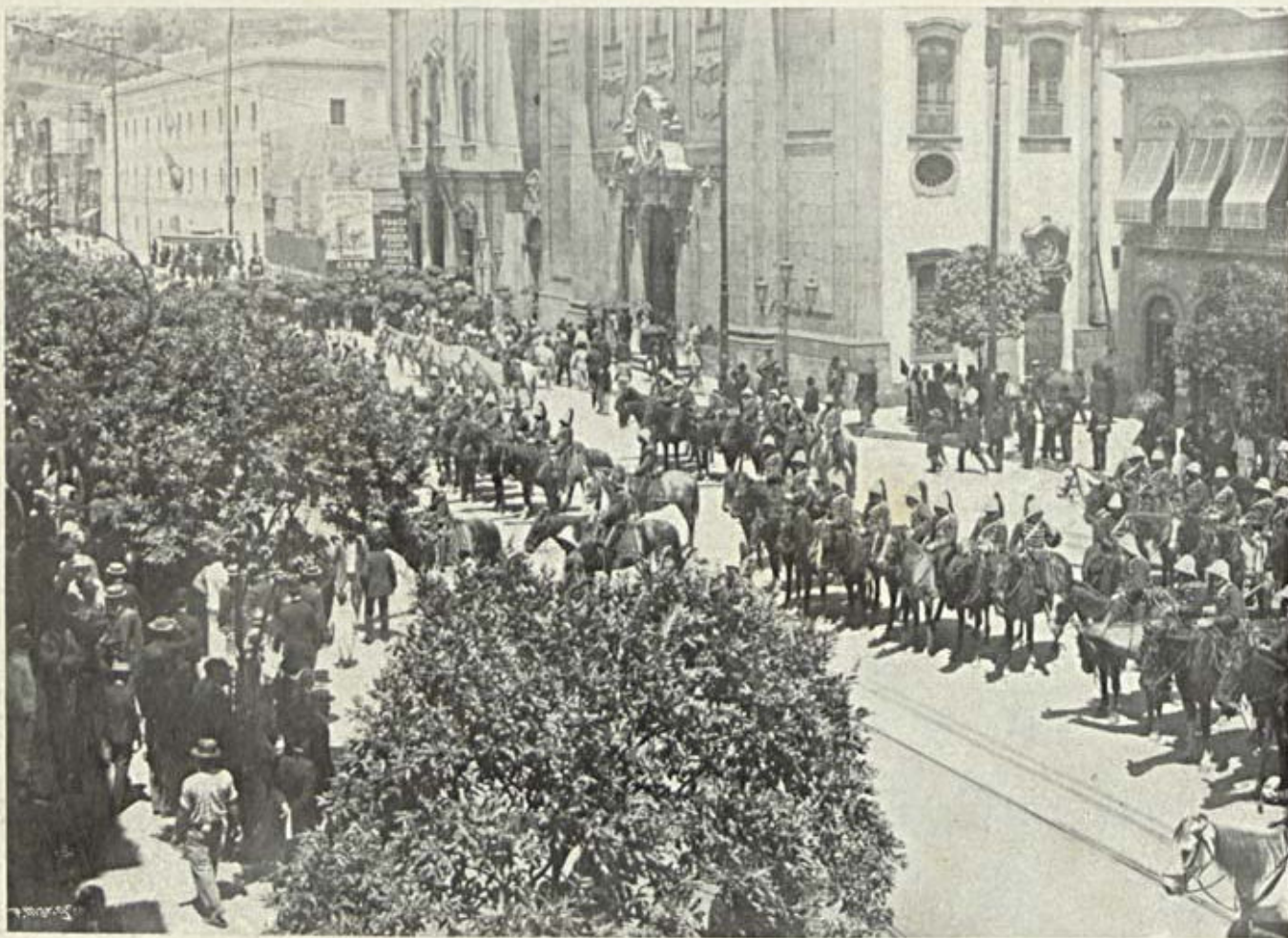
Em tempo veio a Portugal o actor empresario Furtado Coelho,

á sua conta e por combinação o pacificarem as provincias revoltadas da Turquia, especialmente a Macedonia, onde a intervenção se tornava mais urgente. Foi d'esta combinação que nasceu o celebre programma de Muerzsteg, que por signal foi um monumental fiasco, contribuindo para complicar a situação em vez de a resolver.

O desfecho, porém, da guerra na Mandchuria teve como consequencia um tal abatimento do prestigio da Russia, que de facto foi a Austria das duas potencias combinadas a unica que ficou em situação de impôr a sua influencia. E em parte pela força das circunstancias, em parte pela duplicidade, ao que parece, do gabinete de Vienna, é certo que a acção austriaca, mesmo apesar do compromisso mutuo de ser absolutamente respeitado o *statu quo*, principiou desde os desastres da sua companheira a exercer-se sósinha e em detrimento d'esta.

Pelo menos assim o revelou o incidente, que ultimamente veio dar o alarme em S. Petersburgo, e que está no momento actual produ-

## Exequias no Rio de Janeiro por alma de El-Rei o Senhor D. Carlos e do Principe Real Senhor D. Luiz Filippe



A Cathedral. — A formatura das tropas

que representou innumeras vezes a peça. Encontrando-o, Pinheiro Chagas falou-lhe naturalmente no pagamento do que lhe era devido. Furtado Coelho respondeu com evasivas e Pinheiro Chagas replicou em tom severo.

— Então Furtado Coelho com todo o seu aprumo deixou cahir uma das suas grandes phrases:

— V. ex.<sup>a</sup> sabe a quem está falando? Eu sou Furtado Coelho!

— Perdão, replicou immediatamente Pinheiro Chagas, — v. ex.<sup>a</sup> será o Coelho, mas o furtado... sou eu!

CAMARA LIMA.

## Politica internacional

Não durou muito tempo o accordo austro-russo para regularisar a situação politica na península dos Balkans, como aliás era facil de prevêr. E' sabido como por motivo da guerra com o Japão, e para ficar com as mãos livres no Extremo Oriente, a Russia renunciando ao seu tradicional papel historico de protectora dos slavos do Oriente europeu consentiu em fazer com a Austria um accordo, em virtude do qual as duas potencias tomaram

zindo uma extraordinária sensação em todas as chancellarias pelas inesperadas consequencias que pôde ter. O caso resume-se no seguinte: Por occasião da sessão annual das delegações o barão de Aehrenthal ministro dos negocios estrangeiros da monarchia austro-hungara declarou que tinha obtido da Turquia a concessão de um caminho de ferro que, partindo de um ponto da fronteira bosniaca atravessaria o sandjak de Novi-Bazar em direcção a Mitrowitz. O valor d'este caminho de ferro seria de penetração economica, mas ninguém que estude a questão imparcialmente lhe pôde negar um alto caracter politico e até strategico. E foi exactamente este caracter, que produziu em S. Petersburgo a funda impressão, que ainda se não desvaneceu.

Não ha duvida que pela letra estricita do tratado de Berlim a Austria-Hungria está no seu pleno direito de pedir a concessão de que nos estamos occupando. Mas não é menos certo que a situação das duas potencias variou muito depois da assignatura d'esse instrumento diplomatico. Variou muito, sobretudo no que diz respeito ás relações austro-russas.

Quando, depois da guerra turco-russa, se reuniu o congresso de Berlim, o pensamento dominante d'esta reunião foi tirar á Russia o fructo das suas custosas victorias e detê-la no caminho, que já lhe estava aberto para Constantinopla. N'este empenho esforçaram-se os dois vultos proeminentes d'esta historica assembleia — o principe de Bismarck e lord Beaconsfield, então primeiro ministro

inglês. Foi obedecendo a esta orientação, que se erigiu em principado autónomo a Bulgária, e que se deu à Austria-Hungria o mandato de occupar a Bosnia e a Herzegovina. Assim a Austria ponde annexar as duas provincias slavas na sua qualidade de rival da Russia nos Balkans e para impedir a expansão d'esta ultima potencia á custa da Turquia.

Ora, a situação respectiva da Austria-Hungria e da Russia está hoje completamente mudada. Sobretudo depois do compromisso de Muerzsteg as duas nações são alliadas no Oriente europeu, tendo-se além d'isso ambas ellas obrigado a respeitar o *statu quo*. O acto pois da Austria, pedindo uma concessão ferro-viaria, que lhe vae dar incontestavel supremacia economia e politica na península dos Balkans, é um procedimento menos amigavel para com a Russia e em directa opposição com o espirito do ultimo accordo entre as duas potencias. Não ha duvida que a Austria está ao abrigo da letra do tratado de Berlin. Mas não é menos certo que, depois de tal tratado e

turco-alemã, ou antes a amizade do Kaiser para Abd-ul-Hamid, que tão profundamente tem chocado os sentimentos humanitarios dos liberaes do Occidente, não tem outra explicação. Obedece ainda ao mesmo intuito a construcção do caminho de ferro de Bagdad, sobre a qual n'este mesmo momento tantas complicações diplomaticas impendem.

Ora o caminho de ferro projectado da fronteira da Bosnia a Mitrowitz tera uma importancia strategica de primeira ordem para militarmente a Allemanha se appproximar da Anatolia, sem contar ainda que o mesmo caminho de ferro approxima tambem a Austria e portanto a Allemanha, sua alliada, de Salonica, o grande porto do mar Egeo, cuja posse seria decisiva para a hegemonia no Mediterraneo Oriental.

Não admira, pois, que n'estas condições a concessão pedida pelo barão de Aerenthal, com o appoio e talvez até por instigação da propria Allemanha, esteja produzindo tão funda sensação nas chancellarias e especialmente na Russia. Em S. Petersburgo comprehendeu-

## Exequias no Rio de Janeiro por alma de El-Rei o Senhor D. Carlos e do Principe Real Senhor D. Luiz Filipe



O Presidente da Republica sahindo da Cathedral por uma porta lateral

modificando-lhe n'este ponto inteiramente o espirito, occorreu o accordo de Muerzsteg. E é este ultimo accordo que o acto do barão de Aerenthal virtualmente inutilisa.

O que mais contribue para envenenar a questão é o suppôr-se, e talvez não sem motivo, que por detraz do pedido da Austria-Hungria está a Allemanha. Que lucraria effectivamente esta potencia com o caminho de ferro de Mitrowitz? Muito politicamente e muito commercialmente, por mais que em Berlin se esforcem por fazer acreditar o contrario. Commercialmente a vantagem para a Allemanha do projectado caminho de ferro é obvia. Sem trabalho, sem despeza e por conta alheia terá á disposição do seu commercio uma magnifica via de penetração na península dos Balkans, porque da linha ferrea, que vae construir-se, aproveitar-se-ha mais ella do que a propria Austria, cuja expansão commercial não pôde por forma alguma competir com a expansão commercial do imperio allemão. Por este lado, pois, o lucro principal da empresa de que toma a responsabilidade financeira a Austria-Hungria pertencerá á Allemanha. Mas á vantagem commercial, qualquer que seja a sua importancia, accresce uma vantagem politica, que a ninguem pôde passar despercebida e muito menos á Russia. De ha muito que a Allemanha tem os olhos fitos na Asia Menor, como futuro campo para a sua expansão. A amizade

se finalmente o erro praticado de abandonar o Oriente europeu, onde estavam os immediatos interesses do imperio, pela funesta miragem do Extremo Oriente, epilogada pela mais estrondosa catastrophe de que reza a historia.

A Austria-Hungria soube aproveitar-se habilmente das circumstancias e conseguiu, graças ao abatimento do poderio militar moscovita e á diminuição do prestigio russo entre as populações slavas, ganhar em pouco tempo na península dos Balkans uma posição preponderante. A Russia tem agora que empregar muito tempo e muita energia para ganhar o terreno perdido, se é que o pôde recuperar outra vez.

Um ponto fraco apenas apresenta a situação para a Allemanha e para a Austria: é o de um accordo (que aliás está na logica dos acontecimentos depois do accordo anglo-russo) entre a Inglaterra e a Russia para a solução da questão balkanica. A uma combinação d'esta ordem e por motivos diversos mas obvios adheririam a Italia e a França. N'este caso mais uma vez a Allemanha ficaria isolada, porque a alliança com a Austria, sem poder contar com a Hungria, equivale a um verdadeiro isolamento.

Vae grande celeuma na imprensa ingleza a proposito de uma carta escripta pelo imperador da Allemanha a lord Twedmouth, mi-

nistro da marinha do actual gabinete britannico. O conteudo d'essa carta não se sabe ao certo qual seja, por isso que ella ainda não foi publicada e segundo o dizer das folhas governamentais e até segundo a propria declaração do sr. Asquith na camara dos lords tem um caracter strictamente particular.

Tambem se não sabe como é que o publico teve conhecimento da existencia de um documento, que pela sua propria natureza estava destinado a ficar secreto. O que é certo é que foi o correspondente militar do *Times* quem denunciou a esta folha a correspondencia, a que hoje toda a imprensa europeia se refere, (porque a carta do Kaiser teve resposta conforme tambem já se sabe), e que foi o grande jornal da City, que levantou com toda a vehemencia a questão, que está actualmente preoccupando de maneira tão funda o publico in-

Com se vê a declaração não é de molde a apasiguar o incidente, e é indubitavel que estamos em presença de uma *becue* commettida pelo imperador, a qual habilmente aproveitada pelos germanophobos da Inglaterra vae outra vez aggravar o estado das relações entre os dois paizes. A situação de lord Twedmouth, e como reflexo de todo o gabinete inglez, não é tambem muito invejavel perante este inesperado incidente. Se o ministro da marinha se demitte (e já n'isso se fala), dá-se singular relevo a tão melindrosa questão. Se se não demitte, todo o governo acceta a solidariedade com o ministro alvejado pela opposição, e ha de necessariamente com semelhante procedimento enfraquecer-se. Emfim veremos o que sae d'este novo *imbroglio*.

CONSIGLIERI PEDROSO.



Sua Alteza o Principe Real Senhor D. Luiz Filipe

glez. A argumentação do *Times* em resposta aos que sustentam o caracter intimo da carta de Guilherme II, é que uma carta dirigida por um soberano estrangeiro a um ministro inglez sobre assumpto da administração a esse ministro confiada não é um escripto particular mas um documento official, que como tal tem de ser apreciado. E partindo d'este principio, cuja legitimidade ninguém poderá contestar, o *Times* insiste pela publicação da carta, tanto mais que o seu conteudo — pedido, ameaça ou conselho — se prende com o mais capital interesse da Grã-Bretanha, a sua defeza naval.

Pela sua parte a imprensa allemã observa sobre o incidente uma grande reserva. Apenas um communicado semi-official explica que, com effeito, o imperador escreveu a carta denunciada pelo *Times*, não, porém, como chefe da nação allemã mas sim como perito (!) naval, qualidade que todos lhe reconhecem até na propria Inglaterra.

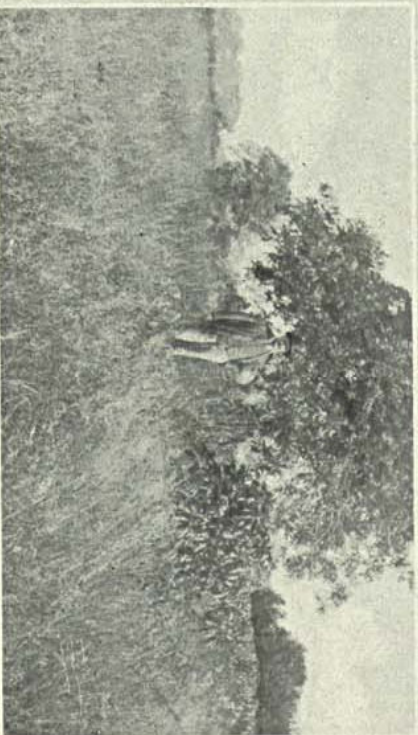
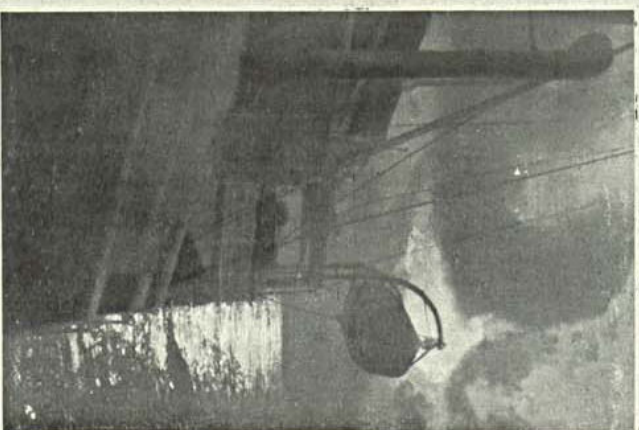
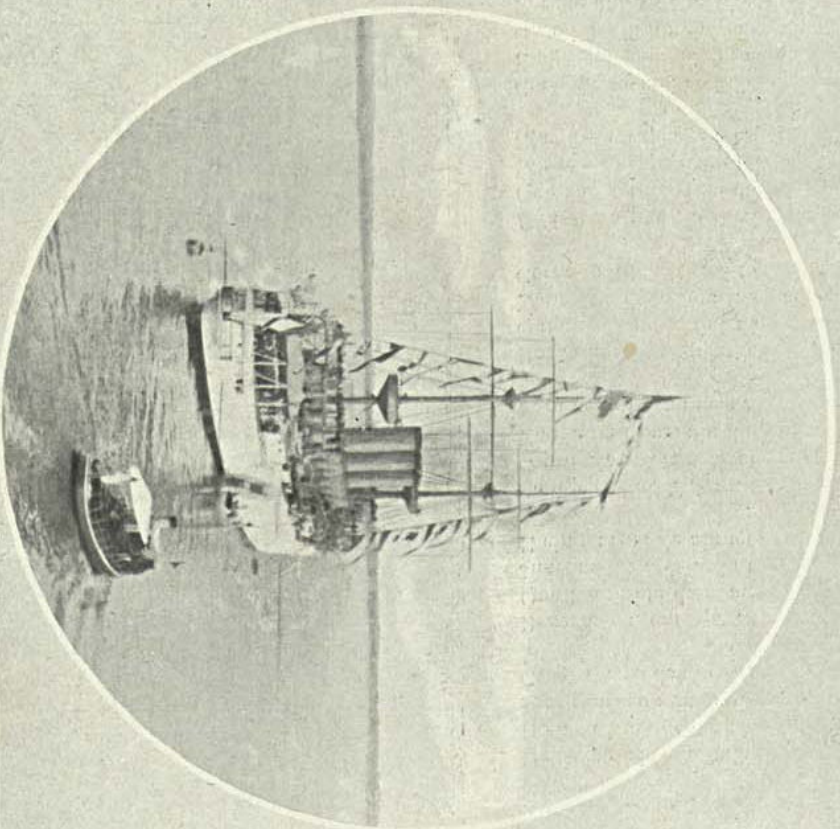
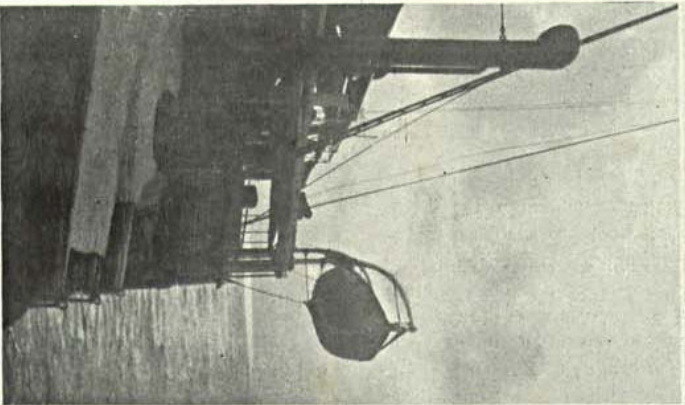
## ANECDOTAS

- Como é que ganha a vida?
- Escrevendo.
- N'algum jornal?
- Não, senhor — escrevo todos os mezes á minha tia... a pedir-lhe dinheiro.

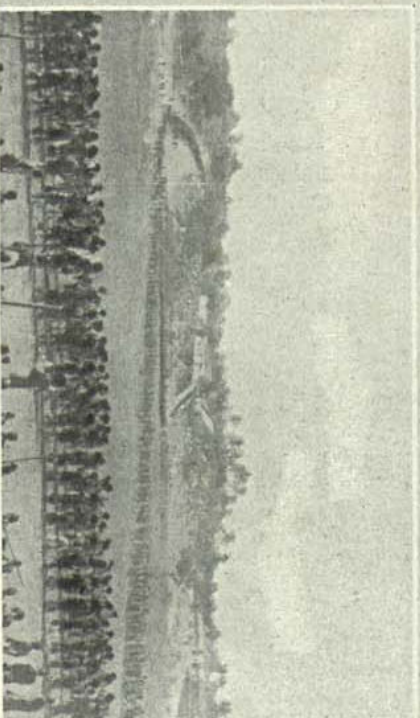
N'um hospital de doidos :  
O director a um visitante :  
— Aquelle que alli está tem uma singular mania. Julga que o governo lhe quer roubar todo o dinheiro que elle possui.  
— Pois, sr. doutor, não me parece tão doido como o sr. diz...

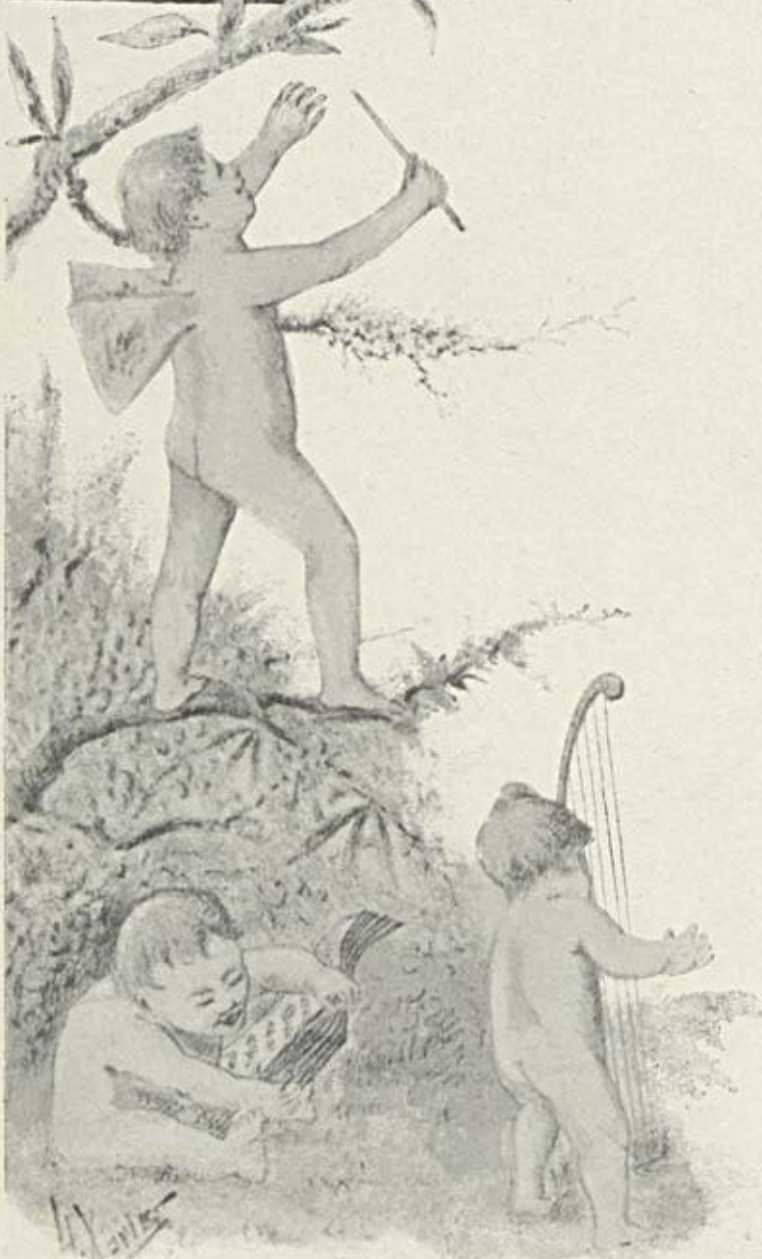
# Photographias tiradas pelo Principe Real Senhor D. Luiz Filippe

*Do Album de S. A. existente no Paço das Necessidades*



Principe Filipe





## Fada bemfazeja

A Elisa, irmã querida minha :  
— A mais nobre, a mais pura, a  
mais insinuante encarnação da  
Bondade humana, que na terra  
me foi dado conhecer.

Lisonja? Não. Deante d'ella, inclino-me  
Em commoção e funda reverencia,  
Do numero dos cegos elimino-me,  
Abro os meus olhos calmos á evidencia.

Abro os olhos á luz que d'ella sobe,  
N'uma auréola augusta, além dos astros...  
Ao longo d'essa escada de Jacob,  
Almas em pena adoram-na, de rastros.

Vejo as chagas occultas que ella sara  
Com só ungi-las de um olhar piedoso,  
As desventuras trágicas que ampara  
No seu collo de pomba collinoso.

De seus dedos de fada bemfazeja,  
De fada irmã dos génios tutelares,  
Mau grado o agudo olhar da verde Inveja,  
Graças fecundas brotam, por milhares.

Buscam-na, em festa, romarias de almas,  
Que lhe fazem de affagos atmosphera,  
Juncam-lhe a estrada mystica de palmas  
E cingem-na de abraços, como a hera...

Se é perfeita? Talvez. Como affirmá-lo?  
O proprio sol tem manchas; e, contudo,  
Houvesse Deus, um dia, de apagá-lo,  
Fôra a Terra um deserto, frio e mudo.

Razão humana, quanto és côxa e cega!  
Quanto és mesquinha e chata em teus juizos!  
N'um fumo vão, teu triste olhar se prega,  
Cerra-lo á luz, que é toda almos sorrisos!

Ella — é a pura, a sorridente aurora,  
Que aos perdidos na noite escura de alma  
Surge — e espanca o terror que os apavora,  
Chega — e esparge a esperança que os acalma.

Conquistou-me, sou d'ella; que a Bondade  
Embriaga-me a alma, como um vinho...  
Oh minha já longinqua mocidade!  
Porque não voltas sobre o teu caminho?

Porque não voves a trazer-me o fogo  
Da inspiração que outr'ora me incendia?  
Vem dar ao canto meu mais desafogo,  
Vem remontá-lo aos cumes da harmonia.

Torna-o digno d'aquella que, no engaste  
Da formosura, o coração releva,  
Lirio suspenso na flexivel haste,  
Flôr de clausura em cathedrai mediéva.

Ha na gracilidade do seu porte,  
No magnetismo do seu doce olhar,  
A unction divina, a um tempo humilde e forte,  
De uma linda Madona sobre o altar.

Aos pés d'essa Madona, immaculada,  
Meu coração, em extase, se prostra;  
Salve, Regina! — bemfazeja fada...  
Vita, dulcédo (reza-lhe) et spes nostra...

M. Duarte d'Almeida.

# Commendador José Martins Pollo

(Rio de Janeiro)



Conde de Sabugosa

## Alguns escriptores da casa Sabugosa acerca dos "Embrechados"

O talento não é privilegio de uma casta. De leitões reaes tem vindo vulgares mentalidades e de berços humildes robustos genios. Porém na nobilissima familia dos Sabugosas julga-se ser o talento um dom tão hereditario como os pergaminhos, pensa-se que d'essa frondosa arvore nobiliarchica brotam com os generaes famosos e com os embaixadores subteis, com os religiosos doutos e com os politicos habéis, os escriptores artistas e altivos que caracterisam a raca bem fidalga dos Cesares de Menezes.

Sem ir perscrutar na genealogia, sem recuar até nos seculos de onde essa familia vem, topa-se esse germen da intelligencia, a mais pura e a mais indomita, nos filhos de Vasco Fernandes Cesar, provedor dos armazens, alcaide-mór de Alemquer e general de artilharia que, consorciado com D. Anna de Menezes, neta de um terceiro conde da Feira, deu aquelles rebentos doutos, um, o frade Diogo Cesar, cuja prosa incisiva verberou até os reis, o outro seu irmão Sebastião Cesar de Menezes maior em talentos e honrarias, porque sendo deputado do conselho geral, inquisidor de Coimbra e Lisboa, conselheiro de D. João IV, arcediogo da Sé de Lisboa, deputado da Junta dos Tres Estados, bispo do Porto, bispo de Coimbra, embaixador em França e ministro de Affonso VI, foi — o que mais interessa á historia litteraria — o homem mais douto, mais artista e mais indomavel do seu tempo. Foi elle, que, nos vagares dos seus officios nobres e prelaticios, nas más horas dos seus destellos, á luz frouxa dos carcereiros da casa do Forte e nas cellas humides onde se recolhia, escreveu o *Sugillatio ingratitudinis*, como Camillo diz, o *Perrete de ingratidão*, dedicado a Affonso VI e onde marcava a perseguição dos seus inimigos que o indispuzeram com D. João IV, a elle, subdito fiel, que só o odio fazia parecer traidor aos olhos, pouco afeiçoados a tramas politicos, do Bragança que encavalgara o throno em cujos degraus tivera cadeira raza ao tempo que o rei castelhano no alto dominava.

Era Sebastião Cesar de Menezes, prudente e sabedor. O auctor da *Anti-catastrophe* chamou-lhe *homem que sabia portar-se nas felicidades com modestia e nas adversidades com paciencia*, de sorte que quando se via favorecido da fortuna, vivia com maior cuidado prevenindo-se para os giros que ella costumava dar.

Mas era má a época para os homens de talento; parecia que uma ruim mão se comprazia em apertar-lhes gargalheiras para lhes doer a voz, em segurar-lhes ferros nos pulsos para os impedir de escrever e em dar-lhes por gabinetes os torvos carcereiros onde só havia uma luz: a dos seus talentos.

Francisco Manuel de Mello, porque na escadaria da casa nobre de uma condessa de Figueiró, a horas mysteriosas, arrancou da espada contra um desconhecido, que era o rei João IV, penou por fortalezas e degredos. Sebastião Cesar de Menezes, porque o accusavam, viveu encarcerado na casa do Forte e foi morrer exilado no Porto, com fama de santo, tanto o povo viu o seu tormento e a sua piedade, a humidade de seus trajos, o descomposto de suas cans, elle que tivera a triplice mitra de arcebispo de Lisboa, Porto e de bispo de Coimbra mas que tambem escrevera n'esse *Sugillatio ingratitudinis*: *A ingratidão dos principes tornou infieis de; tribus d'Israel. Não ha ali manter-se o sceptro sem fidelidade. O tyranno ambicioso é o maior tyranno.*

Por isto e por um odio velho de uma casa rival — a d'Obidos —



A menina Feloisia Leone Pollo

Portuguez, filho do Algarve, é ao mesmo tempo filho adoptivo do Brasil. No Rio, á custa de uma intelligencia não vulgar e de um trabalho incessante de mais de trinta annos, creou com nome consagrado por toda a população. Das suas vastas empresas, uma bastaria a pôr em destaque esse nome: o novo mercado do Rio de Janeiro, de que foi um dos fundadores e de que é actual director.

Martins Pollo, a quem tantos serviços deve o «Brasil-Portugal», é um exemplarissimo chefe de familia. A gentil menina, cujo retrato damos n'esta mesma pagina, é a sua filha querida, e a belleza d'ella, é o seu encanto e os seus amores.

Felizmente para quantos mais lhe querem pelas qualidades de caracter e de valor pessoal, José Pollo conseguiu sobreviver ao desastre que o reteve ás portas da morte, de que se libertou como que n'uma resurreição. É-nos, pois, duplamente agradavel publicar hoje o retrato d'este portuguez illustre, não obstante o sabermos sempre refractario e esquivo ás considerações e louvores que procuram tributar-lhe os que melhor o conhecem e estimam.



Um passeio a Setúbal, Palmella e Outão  
Trens com excursionistas a caminho de Palmella

que laços de amor ligaria á de Sabugosa, seculos mais tarde, prendendo com brancas flores de laranjeira os descendentes dos que se tinham separado pelo aço das espadas — Sebastião Cesar de Menezes foi desgraçado.

Mas era tal o seu saber, era tão grande a sua intelligencia, tão douto e tanto além do seu tempo elle era, que já no periodo das desditas, quando se acolhera á casa salarenga dos Penaguões do Porto, a um cubiculo pobre do palacio, porque pompas não quizera aceitar, ainda foi receber o principe Cosme de Medecis, á falta — entre tanta clerezia — de quem soubesse o francez para se entender com o futuro grão duque da Toscana.

Lá foi, na sua modestia de aspecto, entre a camara e o juiz do povo, o da relação e o governador das armas, n'uma chalupa enganada, partindo de Miragaya, a abordar á nau onde o Medecis viajava. E tal foi a sua oração, tão grande e tão bella ella lhe borbotou em caudales floridos dos labios cortados pela febre dos desgostos, ora em louvor dos Medecis, ora enaltecendo o brilho da casa principesca, ora fallando da sua acção no mundo, no mais correcto francez, que o principe, abaixou o sorriso zombeteiro que o caracterisava e entrou a vêr o bispo como elle merecia e a seu lado veio para terra n'um bergantim ligeiro e toldado de purpura entre a nobreza extatica e o clero boquiaberto por tanta sapiencia do exilado que tambem escrevera outro monumento: a *Summa Politica*.

Assim era este Cesar de Menezes, que como seu irmão fr. Diogo Cesar — tambem escriptor de nomeada — foi um illustre rebento da frondosa genealogia dos Sabugosas.

Cançado, abatido, transtornado por tantas luctas, o bispo morreu e dispoz em seu testamento que desejava uma lousa a cobrir-lhe o corpo no adro da igreja dos Carmelitas do Porto e sobre a qual apenas se gravaria: *Aqui jaz Sebastião Cesar de Menezes, indigno clérigo*, isto para elle que enobrecera as letras, aconselhara os reis, fôra finissimo diplomata e orador eloquente, para elle que viera de uma raça nobilissima em que houvera alcaides, capitães e navegadores, ministros, sabios, e frades doutos, que vivera por seculos na ourela dos thronos fallando mão a mão aos soberanos.

N'esta familia florescem as qualidades de intelligencia e se a serie não é ininterrupta, se aqui e ali falha um homem de letras ou um orador, lá apparece um caracter, lá surge um heroe, lá se estendem uns braços de acolho, lá vem um vulto a comprazer-se na amizade dos poetas e dos sabios.

Foi d'estes o conde de S. Lourenço, D. João José Ansberto de Noronha, que viveu no seculo xviii e começos do xix, o qual tendo estado encarcerado nas prisões da Junqueira — aquando da conspiração dos Tavoras — tendo soffrido todas as privações durante muitos annos, bem como o Alorna, assim como a maior nobreza do reino — que Pombal — o grande rei Pombal — queria dominar, como um D. João II de origem modesta, sahio ao cabo de atormentada vida da prisão para se recolher á ordem litteraria da Congregação do Oratorio, ali nas Necessidades, onde os seus descendentes deveriam viver lado a lado com os reis quando de convento o edificio se transformou em paço real. Viera desequilibrado do carcere, o conde; e ali se recolheu e ali encontrou Bocage quando, tambem perseguido, para o convento o mandaram a doutrinar. Viveram muito juntos o poeta das ruas, o bohemio infeliz e genial e o conde que de tão grandes homens descendia e tão largos infortunios cortara. Foram amigos e d'essa amizade resta uma epistola do vate dedicado ao fidalgo e em que se lêem versos assim:

Que horas douradas, que famosos dias  
N'ellas dos labios teus pendí, qual pende  
Da face encantadora acesso amante  
.....  
E ouvindo-te um ser novo em mim sentia.

Por estes versos demonstra bem o poeta que a intelligencia do conde de S. Lourenço ainda não se extinguiu, apesar do seu desequilíbrio nascido do carcere e que da sua palestra douta bem gosara e que da sua inspiração bem communhara como só dois espiritos irmãos podem fazel-o.

Tambem o conde fôra amigo de Garção, com elle passara dias

felizes da mocidade e parece que á conversa do S. Lourenço deveu Bocage a sua admiração pelo grande poeta que ao conde dedicara uma bella satyra.

E assim os membros illustres da casa Sabugosa se recomendam á posteridade pelas suas demonstrações d'um valor que nem sempre se liga aos mais fidalgos berços.

Tudo isto vem ácerca do livro *Embrechados*, que o actual conde, parente d'esse douto Sebastião Cesar, de Diogo Cesar, de S. Lourenço, do conde da Ericeira — que deixou uma obra volumosa — publicou ha dias.

*Embrechados* — diz o seu auctor — são os mosaicos caprichosos, as incrustações variegadas, feitas de seixos multicolores, de buzios e conchas, de fragmentos de louças finas, de contas e crystaes coloridos, que adornavam as grutas, os nichos e alegretes dos jardins e quintas portuguezas.

E mosaicos caprichosos e incrustações variegadas, feitas de contas e crystaes coloridos cimentados n'um fundo forte, são bem os artigos primorosos d'esse livro que eu li admirado de que a uma erudição tão completa caiba em tal lavor de forma como no trecho das *Toiradas em Portugal* em que se fala dos arabes e em seus folgaes dextros e dos ousados bandarilheiros do Campo de Sant'Anna, em que ha a chronica antiga, com o seu colorido e a sua nota de sol e barbarismo, o cavalleiro de ferro em punho em face do toiro espumando raivas e em que vem, n'um sabor moderno, a descripção d'essas tardes de ha annos cheias do estrondo esturdio de uma mocidade que deu brado.

Mas ainda assim, onde a penna do escriptor mais leve se torna, onde o poder da evocação mais surge, como n'uma narrativa de Oliveira Martins, é na parte da *Toirada de El-Rei D. Sebastião*. São os cavalleiros bravos e os loiros pagens, o povoleu e os escravos, os tabardos debruados a oiro e as armas fidalgas rebrilhando á luz, são as carantonhas excitadas de uma turba compacta e os olhos pasmados dos negros a fixarem-se na arena. E' todo um quadro movido e ruidoso em que ha mangas de velludo dos gibões e punhos lavrados de espadins, colchas ricas forrando os palanquins, n'um deboche opulento de coloração, escudos nobres, insignias, pendões, tudo o palpar na aragem leve de uma tarde de abril e de toirada. E são os rostos gentis, os olhos de paixão — os olhos e os rostos das mulheres de Portugal — apparecendo n'uma graça infinita a animarem os homens da lide. São as damas galhardas com seus enfeites e seus risos, os grupos do melhor sangue do reino, os cabellos sedosos, as mãos leves que dentro em pouco vão bater applausos menos ruidosos que os da plebe forte, mas que mais farão palpar os corações dos lidadores. E no meio d'essas bellezas, melancolica e doce, como um lindo lyrio real que uma rajada tivesse tocado, D. Juliana de Mascarenhas, a filha do duque de Aveiro, a mulher que amava o rei aventureiro, que estremecia esse D. Sebastião afoito a um platonismo romantico de cavalleiro mystico e de alevantado genio batalhador, guardava-se na sua melancolia no meio d'um rumor de entusiasmo.

E lá estão as infantas e as grandes damas e lá está toda uma época historica apparecendo no seu luxo a vêr o rei, que devia deixar a corôa nos arraiaes de Alcacer, de rojão em punho, firme nos estribos, a espora fita na ilharga do ginete fogoso, a ir picar o toiro por entre as pontas aguçadas no meio da apotheothe cortezã.

Apparece com esse vigor de vida que só pôde vir de uma evocação artistica, essa figura brava até temeridade do moço rei que ali expunha a vida ao sentir refter o sangue de Carlos V nas suas veias estreitas para o conter. E o trecho é bello, é arrastador, com os seus bravos de aclamação, com as suas peripecias que enthusiasmam.

Depois segue na descripção d'esses toureiros, vem até aos nossos dias, incrustando na erudição a sua leve prosa como se na fachada de um torreão vetusto se embrechassem os crystaes coloridos, os seixos multicolores, as incrustações variegadas de que fala o auctor ao denominar o seu livro.

Vem então o espirito turbulento do artigo sobre Caridade e a douta narrativa das nupcias de Alexandre Farnesio, o estudo soberbo cheio de côr e saber, relativo a Almada, desde a sua origem até ao



Um passeio a Setúbal, Palmella e Outão

Vista geral de Palmella

(Cliché de C. E. Moitinho d'Almeida — amador).



Um passeio a Setúbal, Palmella e Outão  
O castello de Palmella

cerco no tempo do mestre de Aviz, desde a era em que Fr. Luiz de Sousa ali teve moradia até ao assalto bravo das tropas liberaes; vem a galharda narrativa da Sempre noiva, onde ha melancolia na narração e formosura no estylo; a carta a Oliveira Martins sobre o *Portugal nos mares* tão cheia de estudo e as suas recordações pessoais da sr.<sup>a</sup> duqueza de Palmella, de Antonio Candido, de Sousa Martins e do duque de Loulé, esse Morny de sangue puro que depois de ouvir as jacobinas prelendias de Costa Cabral, no *Club dos Camillos*, elle descendente dos senhores da Biscaya, devia ser ministro mais pelos seus talentos do que pela sua união com uma infanta.

Filho do marquez que fôra assassinado em Salvaterra, dizem que á ordem de D. Miguel, o duque de Loulé, que depois se ligaria á Casa Real ante a paixão sentida pela infanta D. Anna de Jesus, apparece no livro do sr. conde de Sabugosa, com toda aquella linha fidalga e honesta, com todo o cunho elegante — que Morny tambem alardeou — com toda a bizarra forma porque elle se vê, ao conhecermos-lhe os actos, ao virmos-lhe o retrato, ao sabermos-lhe das opiniões. O duque foi *patulêa* mas um *patulêa* que faz lembrar esses príncipes anar-

chistas de hoje, todos dedicados, como n'uma novidade para a sua educação, aos problemas dos luctadores mas guardando nos peitinhos as pedras preciosas e gosando em mostrarem o rasgado das suas opiniões, vestidos como *gentlemen* sem que isso os prive de sentirem o que dizem.

O duque de Loulé, como aquelle Cariciollo napolitano, n'uma hora de enthusiasmo, seria capaz de lancar fogo aos seus castellos para mostrar ao povo o caminho da revolução, ou como um príncipe artista da Renascença seria capaz de mais se deliciar com um trecho de boa arte de que com as pompas da côrte. Mas ou ateando o incendio devastador ou gosando essa arte requintada, o duque teria sempre a sua inquebrantavel linha de nobreza como ao dizer ao povo excitado no meio de um tumulto de pé na rua e n'um gesto soberano:

«Que me querem?! Vão para casa e soceguem!...»

Vivendo em Portugal, n'uma época estreita, o duque foi *patulêa*, foi o mais rasgadamente liberal e com a sua figura de gentilhomem pelo nascimento e pela belleza physica, ficou, como bem diz no livro o conde de Sabugosa, pertencendo á região da lenda.

Taes são alguns dos capitulos dos *Embrechados*, livro que veio ao mercado com a sua despretenção de titulo, com a sua singeleza, revelar-nos cousas do passado e expôr-nos factos de hoje, desenhar physionomias e tratar trechos de erudição, n'uma linguagem tão artistica e tão simples, mas d'onde irradia tanto fulgor, que bem parece trazer consigo os matizes d'esses embrechados que engalanam por vezes, nas cercas monasticas ou nas quintas fidalgas, as frontarias velhas das fontes d'onde a agua brota pura, sussurrante e limpida.

Santo Amaro, 23 de março.

ROCHA MARTINS.

## Carta de agradecimento

Ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Sabugosa

Venho tentar dizer-lhe o muito que lhe devo, oh meu presado mestre, e meu dilecto amigo! Releve as dimensões da folha em que lhe escrevo, e dê-lhe, n'algun cofre, um carinhoso abrigo.

..

Na quinta senhorial da minha phantasia, que pelo espaço além sem muros se recorta, e onde a minh'alma vem, buscando calmaria, passar horas de luz que o mundo não comporta,

prefiro a qualquer outro um placido recinto de requintado gosto, e que me faz saudade d'um tempo que eu não vi... mas que amo por instincto, em que inda andava a par do luxo, — a ingenuidade!

Recinto encantador!...

Com cedros murmurantes, e bancos de azulejo... e nichos de alto luxo, onde deuses pagãos, marmoreos e gigantes, ouvem cantar no lago as aguas do repuxo...

Crepita sob o passo a areia das carreiras, que a murta alinha e borda em cuidadoso corte; e aos cantos, a ensombrar massiços de roseiras, formam chapéus de sol quatro alecrins do norte.

Ha junto ao paredão que a balastrada encima, com sua gruta ao centro, e dois tritões nos lados, uma cascata ideal, que eu acho uma obra prima, de avencas guarneçada, e lindos *Embrechados*!...

E é sobretudo alli, nas sombras da cascata, que eu gosto de esquecer as coisas dolorosas, enquanto a agua saltita em flocos côr de prata para cahir brincando, em gottas luminosas!...

..

Se o meu jardim lhe apraz, — já vê quanto lhe devo, oh meu presado mestre, e meu dilecto amigo! No goso de fruir o que tão mal descrevo, achei, contra o enfado, um remançoso abrigo!

Quizera agradecer-lhe... e falta-me em verdade a nítida expressão que o meu sentir traduz! Permitta-me, porém, que á simples realidade d'um episodio antigo, essa expressão reduza:

Um domingo, o Fidalgo ao regressar da missa, encontra no caminho humilima rendeira; a qual lhe vem trazer, por não ficar remissa, — as proprias flôres d'elle, em confecção massica!!!... N'um ramo, que ella orlou com folhas de nespereira...



Um passeio a Setúbal, Palmella e Outão  
Vista dos moinhos tirada do castello de Palmella  
(Clichés de C. E. Moitinho d'Almeida — amador).

22 de março de 1908.

Branca de Costa Geloça.



Um passeio a Setúbal, Palmella e Outão

A igreja de Palmella

(Cliché de C. E. Moitinho d'Almeida — amador).

## LIVROS

### Embrechados

Ao sr. conde de Sabugosa muito reconhecidos agradecemos o seu ultimo livro e a gentil dedicatória com que nol-o offerece. Uma poetisa de alto valor e um prosador de merito reconhecido dizem hoje no *Brasil-Portugal*, ella através da impressão poetica, através da mais depurada sensibilidade artistica, elle, versado em assumptos de historia, sincero apologista do valor litterario e historico dos *Embrechados*, o que é o livro precioso do sr. conde de Sabugosa, o serviço que elle vem prestar ás letras patrias e que tanto realce e relevo dá a quantos ellas devem desde muito ao illustre titular que, como bem diz o seu critico de hoje, continuar a brilhantissima tradição dos escriptores da nobre casa de Sabugosa.

### Viagem maravilhosa

De volumes em que a Historia se entrelaça com o Romance e a Lenda, firmados por Faustino da Fonseca, é já numerosa a lista. Contudo não se nos dá assegurar que o ultimo: *Viagem maravilhosa*, sahido o anno passado dos prelos do editor Gomes de Carvalho, é, como romance historico, o mais bem acabado, o mais vivo, o mais movimentado, permita-se-nos o termo, aquelle em que o auctor se reconhece na plena posse da evocação historica, e, por um phenomeno de visão, traz á realidade, á evidencia, á vida flagrante, as personagens que foi arrancar aos acontecimentos extinctos.

Tambem, em nenhum dos seus trabalhos anteriores, a forma adquire tão medidas proporções, e o descriptivo côres tão vivas, tão locais, tão suggestivas e verdadeiras, que por vezes nos transporta ao periodo convulsionado e glorioso do descobrimento da India. A partida de Vasco da Gama, da praia do Restello, é uma bella pagina de evocação historica, que ainda havemos de pedir venia ao auctor para reproduzir nas columnas do *Brasil-Portugal*.

O fio de romance que atravessa o livro, os amores da judia Rachel com o pagem Ayres Vaz, é de uma delicadeza e de um tal encanto, que o torna ao mesmo tempo valioso para os que estudam, indispensavel para aquelles que aos vinte annos amam e sonham.

### O dinheiro

E' o titulo de uma esplendida conferencia, ora litteraria, ora humoristica e sempre conceituosa que fez o conhecido escriptor brasileiro Arthur Guimarães na sessão de 11 de setembro do anno passado, consagrada pelo Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro ao poeta cego Manuel dos Santos Marques.

Offerece-a o auctor ao conde Affonso de Celso.

### D. Carlos o desventuroso

Joaquim Leitão, que Portugal e o Brasil conhecem, reuniu n'um volume — publicado por Lopes & C. — successor — Porto — a que deu o titulo acima, com a indicação de — *Notas intimas* — tudo que se lhe offereceu dizer sobre o attentado de 1 de fevereiro, que considerava inútil como solução politica e barbaro e repugnante como pro-

testo, e tudo quanto lhe inspira a memoria do mallogrado rei que d'esse attentado foi victima.

E' muito interessante o volume, que tem grande copia de dados ineditos, e offerece variados pormenores sobre a intelligencia, faculdades estheticas, amor de familia, qualidades de sportman, dotes pessoais, emfim, que caracterisavam o monarcha extincto, e que, no dizer do seu biographo, lhe envenenaram, sonhando tudo á admiração imparcial do povo.

Devem ler *D. Carlos o Desventuroso* sobretudo os que menos tivessem privado com o soberano e menos, por conseguinte, tivessem conhecido e apreciado as qualidades e virtudes que o seu panegyrista lhe attribue.

### Historia da revolução franceza

Mais um volume de utilidade evidente acaba de sahir dos prelos da livraria Ferreira, da rua do Ouro. E' a Historia da Revolução Franceza, de Alfred Rambaud, conscienciosamente vertida para a nossa lingua pelo sr. João Barreira.

Ornada de 23 gravuras é precedida de um *fac-simile* da *Declaração dos direitos do homem e do cidadão* aos representantes do povo francez.

Não ha assumpto mais tratado, mais vulgarisado, mais debatido. Em todas as litteraturas do mundo centenas, milhares de volumes se occupam da Revolução franceza, dos seus honens immortaes, dos seus transcendentos acontecimentos, dos seus resultados extraordinarios que envolveram todos os povos da terra e transformaram a civilisação do mundo.

Não obstante, o livro que temos á vista, dentro da sua berrante capa vermelha, como o assumpto pede, que conta pouco mais de 300 paginas, é completo. Minucioso sem ser prolixo, sereno, nitido, imparcial, leva a todos os espiritos o perfeito conhecimento d'essa época agitada da Historia.

Os capitulos que o constituem abrangem o antigo regimen e a obra da revolução, as origens d'ella, os Estados geraes, a Constituinte, a assemblea legislativa, a convenção, o directorio, e o auctor, na posse completa do assumpto, consegue dar, sempre em estylo despretencioso e claro, a perfeita comprehensão dos acontecimentos, das causas que os impulsionaram, e das consequencias que produziram.

Com a publicação da *Historia da revolução franceza*, de Rambaud, mais um serviço inestimavel ao mercado litterario portuguez acaba de prestar a livraria Ferreira.

### Influencia do catholicismo no direito portuguez

O conhecido advogado Pinto Gouveia offereceu-nos a proficiente Memoria que leu na sessão inaugural do 70.º anno academico da Associação dos Advogados de Lisboa, em 8 de janeiro d'este anno, e que é subordinada áquelle titulo.

Resume essa Memoria o caracter e consequencias da influencia do catholicismo no direito vigente e designadamente na Carta e nos Codigos Civil e Penal: reformas necessarias; bases fundamentaes d'essas reformas em harmonia com os principios liberaes.

### De mãos dadas

Quatorze contos e trinta e cinco poesias constituem este livro que nos vem da India, Pangim, e que é firmado pelos nomes de Anna d'Avalla e Adolpho Costa.

Desconhecidos nos eram, mas não somos d'aquelles que abrem e leem um livro, só quando o seu auctor é personagem consagrada.

Quantas vezes nos tem succedido folhear quasi descrentes o volume de um desconhecido, e á primeira leitura, feita ao acaso em qualquer das suas paginas, reconhecermos qualidades de talento, de observação, ou de forma litteraria, que logo nos leva a encetarmos a primeira pagina, a saborearmos porventura as que se lhe seguem, e a não chegarmos á ultima sem confessarmos a nós mesmos que estamos em presença de alguem, de um desconhecido que vale bem mais que muitos conhecidos e consagrados.

Eis o caso que se dá com o volume *De mãos dadas*, onde encontramos contos de uma singelleza e naturalidade que se impõe, e em que a forma litteraria traduz nitidamente o sentir e o pensar de quem escreve, e em que a situação dramatica tem vibração e côr, brilho o dialogo, e a acção interesse palpitante.

Motivo, portanto, para recommendarmos o volume *De mãos dadas*, de Anna d'Avalla e Adolpho Costa.

### Les colonies portugaises

De Paris envia-nos, com dedicatória que nos penhora, o sr. Almada Negreiros, o seu importante e recente livro, que tem aquelle titulo.

São, como elle diz, estudos documentaes, sobre as possessões portuguezas e os seus productos de exportação.

Varias gravuras o illustram reproduzindo povoações colonias portuguezas, raças indigenas, postos militares, monumentos, habitações, etc.

Para quantos se interessam por assumptos colonias são do maior valor e da mais frizante utilidade os dados estatisticos, as relações entre a metropole e as suas colonias, que se espalham por todo esse livro de cerca de 400 paginas, que continua a serie dos que de longa data o sr. Almada Negreiros vem publicando pela casa editora Augustin Challamel, de Paris, com um zelo, uma elevação de vistas e um patriotismo que muito honra o nome d'esse escriptor, o qual residindo no estrangeiro não esquece nunca os creditos e os interesses da patria distante.